

24 JUL 1963

O senador Sarney

Gaudêncio Torquato

JORNAL DE PARANÁ

José Ribamar Ferreira de Araújo, vulgo José Sarney, imortal, ex-presidente da República, homem de convicções monásticas, que elevou aos píncaros a liturgia do poder, senhor absoluto da cultura política maranhense, quem diria, acabou no Amapá. Correu para um Estado com 118 mil eleitores, um recanto longínquo que desperta a cobiça de aventureiros, espartinhos e políticos de primeira viagem. Tem gosto de fel o destino dos homens que batem cabeça nas curvas do caminho. Só pode ser amarga a vida de quem não sabe administrar solavancos no declínio do prestígio.

São, no mínimo, intrigantes, as razões que levam um ex-presidente da República a trocar a austeridade de seu perfil pela decisão canhestra de enfrentar o pântano da pequena política. Pois ninguém pode designar de boa ética política o fato de alguém, tirando proveito de sua grande visibilidade pública e prestígio decorrente do exercício das altas funções presidenciais, cair de pára-quedas sobre corações sofridos e mentes angustiadas com o objetivo exclusivo de colher votos. O conceito de legitimidade repousa sobre o espírito da representatividade e esta inexiste sem a proximidade de um candidato junto a seu grupo de eleitores.

A austeridade sarneyca ou pelo menos sua cara explícita, aquela extensão do formalismo ambulante, metida num jaquetão de seis botões, não se enquadra no time de Antônio Pedreira, folclórico candidato do

PPB, que se arvorou como representante dos negros, na campanha presidencial passada. Pedreira e Sarney, quem diria trocam figurinhas na poeira de Macapá. Aquele desejando vender "por um preço camarada" ao compenetrado ex-presidente seus quatro minutos de TV. Para quem se acostumou a ouvir o patético "brasileiras e brasileiros", tem pelo menos a consolação de saber que ao ilustrado maranhense não sobra alternativa. Vai ter que usar o designativo genérico de "amapaenses" para suas eleitoras e eleitores. Resta a sonoridade de uma palavra amazônica e cheia de mistérios.

Na caça ao voto, os peixes menores que nadam nas tumultuadas águas dos estados que votam pela primeira vez, certamente vão chafurdar em meio à dinheirama, acordos, trocas e negociações. O povo do longínquo Norte não tem escolha. Infelizmente, está sendo objeto de uma criminoso trama. Busca-se sua confiança com ilusões. É o preço da consolidação da Federação. Os estados que só agora iniciam sua caminhada institucional pagam o preço da febre da conquista. Tudo vale no reino da politicalha. Só se lamenta que o desbravamento político do Norte registre, no topo de sua engrenagem, a figura respeitável e severa de Sarney.

Os ex-presidentes se assemelham a senadores romanos aposentados. Escassos cabelos encanecidos, postura de grandeza e autoridade, dignidade contida no peito e olhar duro de magistrado.